

Autor

Leonardo TAVARES¹ (PUC-SP)

Tributo ao João Mulato – o violeiro furacão

Aristóteles dizia que somos seres políticos. Significa que somos impelidos a argumentar e/ou emitir opiniões em vários campos e sobre diversos assuntos: política, filosofia, música, dentre muitos outros. Posicionamo-nos sempre perante uma questão polêmica, que exige de nós o uso eficaz da palavra, visto que só ela (a palavra) – e jamais a força bruta – delimita o justo e o injusto, o útil e o nocivo, o nobre e o desprezível. Falarei, nestas breves linhas, do violeiro João Mulato, expressivo artista da música caipira.

Desde 20/04/2020, data de falecimento do admirável e talentoso João Mulato (Wilson Leôncio de Melo - *25/10/1950) a internet, mais especificamente os canais do You Tube, que divulgam o gênero caipira, bem como Instagram e Facebook, noticiaram o falecimento desse importante e querido artista. Atitude justa. Afinal, a TV aberta e os jornais de grande circulação não noticiam falecimentos de artistas genuínos, sobretudo do meio caipira e, quando o fazem, é de modo canhestro e com informações difusas, pouco claras.

Refiro-me à imprensa escrita, pois a televisiva quase nunca divulga². Aqui cabe um agradecimento especial aos companheiros que lutam para manter seus respectivos canais na internet, nas mais variadas redes sociais e que difundem a autêntica canção cabocla. Essa luta é de todos nós, que de certa forma, buscamos preservar a memória e a

¹ Doutorando em Língua Portuguesa pela PUC-SP. Membro do Grupo de Estudos Retóricos e Argumentativos da PUC-SP. Endereço eletrônico: leonardovitavares@yahoo.com.br.

² Salvo no caso do Tinoco da dupla, Tonico & Tinoco. O Jornal Nacional, da TV Globo, à época, noticiou brevemente o falecimento do artista, em 2012, aos 91 anos de idade. Dada a sua representatividade na música caipira, outros veículos jornalísticos também deram nota à sua morte. Trata-se de uma exceção.

arte desses artistas, por meio de pesquisas, vídeos, documentários etc. Falei do justo. Passarei, agora, ao nobre.

Vi, também, a postura nobre de alguns artistas do meio caipira que publicaram nas redes sociais lindas letras e melodias em ode ao João Mulato; destaco duas duplas: Marcos Violeiro & Cleiton Torres e Ramiro Viola & Carlos Lima, com as respectivas composições, “João Mulato e seu legado” (pagode de viola) e “A viola do João” (moda de viola). Penso que as canções que compuseram em homenagem ao João Mulato poderiam ter sido gravadas ainda em vida. Afinal, muitos artistas do meio deveriam saber que ele lutava contra um câncer³. Creio, então, que ele ficaria feliz de poder ouvi-las ainda neste plano terreno, mas, tudo bem. Ainda assim, considero nobre a atitude de exaltar a obra e o talento do “violeiro furacão” em letra e canção. Grato, caboclos!

Em Retórica essa postura de homenagear por meio de versos, discursos, canções etc., chama-se discurso epidítico. Os artistas citados anteriormente fizeram isso com maestria e bom senso. Atitude nobre. Inclusive, é o tipo de discurso que estou tecendo agora. É uma modalidade de discurso que, de acordo com Tringali (2014: 71) “[...] pode exercer uma profunda influência modificando ou reforçando o quadro dos valores sociais vigentes, exercendo um forte papel educativo ou deseducativo. Ele desperta a reflexão crítica, forma a opinião e dispõe remotamente para a ação”. Ah! Convém dizer que esse gênero de discurso corresponde ao tempo presente.

Esse discurso serve para enaltecer e/ou vilipendiar. Faço os dois: engrandeço o artista que foi o João Mulato e os que tiveram a sensibilidade de homenageá-lo e, ao mesmo tempo, vilipendio quem se aproveitou (não foram poucos) da imagem dele para, por exemplo, angariar mais *likes* ou inscrições em seus canais do You Tube ou do Instagram. Desse modo, mato dois coelhos com uma só cajadada! Batuta!

Qual valor está sendo questionado aqui? Antes de responder a essa **questão** convém esclarecer que esse tipo de discurso (epidítico) gira em torno dos seguintes valores: a virtude e o vício, o belo e o feio, “[...] particularmente discutindo a beleza da virtude, a feiura do vício” (TRINGALI, 2014:71). Chama-se epidítico ou laudatório

³ Fonte: <https://www.jcnet.com.br/noticias/cultura/2020/04/721337-joao-mulato-morre-aos-70-anos-em-bauru.html>. Acesso em 16 de jun. de 2020.

porque, conservado pela tradição, compreende a louvação ou o doesto. Logo, é epidítico porque ele revela quem merece ser enaltecido ou vituperado, conforme explanei anteriormente.

Ora, uma vez identificado o tipo de discurso que está sendo apresentado nestas linhas - o de louvação - revelo, neste momento, o valor que questiono: o **vício**. Qual vício? O de fazer homenagens a quem merece, somente após a morte. É impressionante! No Brasil existe uma tradição arraigada no senso comum de que somente após a morte é válido elencar os feitos de alguma personalidade. Cito exemplos recentes: Aldir Blanc, José Mojica (o Zé do Caixão), dentre outros.

Os noticiários televisivos, jornais e revistas são inundados por depoimentos de pessoas que exaltam o talento, genialidade e muitos outros adjetivos para expressar para o telespectador/leitor a grandeza de um artista x. Um paradoxo não é? Afinal, por tradição, o Brasil é um país sem memória cultural e/ou artística, pelo menos, de memória curta, no mínimo, pois, uma vez que os artistas deixam de ser privilegiados pela TV, indústria cultural e outros aparatos de projeção comercial, que atendem a interesses mercadológicos escusos, rapidamente caem no esquecimento.

Como dizia o velho Antônio Abujamra, teço aqui uma singela homenagem a um “ilustre desconhecido”, o querido João Mulato. Valho-me dessa expressão, pois, salvo em programas regionais, ou, no máximo na TV Cultura – veículo de maior alcance de audiência, onde o João se apresentou inúmeras vezes ao longo da carreira – esse violeiro excepcional era conhecido por um nicho muito específico de apreciadores da canção caipira.

Pelo viés interpretativo da Retórica, sobretudo da Nova Retórica, de Perelman & Olbrechts-Tyteca (1958 [1996]), João Mulato era conhecido, apreciado e admirado por um auditório particular. Por quê? Tringali esclarece:

No auditório particular, o orador se dirige a um grupo determinado de indivíduos. Esse tipo de auditório é extremamente variável, heterogêneo.

[...] o orador cria um auditório particular quando visa a persuadir, dirigindo-se à vontade, à fantasia e à emoção. (TRINGALI, 2014:250).

“Persuadir é conseguir que as pessoas façam alguma coisa que queremos” (ABREU, 2005:71). É “[...] fazer crer para fazer-fazer” (FERREIRA, 2010). Vali-me da citação desses três estudiosos para demonstrar que a intenção do orador é educar a sensibilidade do auditório para os valores do outro. João cantava especialmente para o homem do campo, lembrando-o do tempo em que vivia na roça, pois, com o advento da industrialização brasileira, a partir da década de 1950, muitos caipiras migraram para as grandes cidades, especialmente para São Paulo e Rio de Janeiro. Ainda, conforme Abreu, “se não formos capazes de saber quais são esses valores, de nos tornarmos sensíveis a eles, seremos incapazes de persuadir. É preciso, contudo, que se trate de valores éticos” (ABREU, 2005:72).

1. E por falar em valor...

Existem, entre nós, seres humanos, dois tipos de valores: os concretos e os abstratos. Os valores concretos são ligados ao útil, como dinheiro, automóvel, casa própria. Os valores abstratos habitam na esfera do sensível, como justiça, amizade, honestidade. Os mesmos valores não são estabelecidos para todos, uma vez que estão ligados à pluralidade de grupos e emoções. De acordo com Abreu (2005:75) “[...] aquele que quer persuadir deve saber previamente quais são os verdadeiros valores de seu interlocutor ou do grupo que constitui o seu auditório”.

Bem, João, compôs canções que representaram, indubitavelmente, um grupo social específico: o trabalhador do campo e a sua arte, principalmente o violeiro. Para que seja possível atingir esse auditório, é preciso, por parte do orador (cantador/violeiro), estabelecer uma hierarquia de valores. Essas hierarquias podem variar de pessoa para pessoa, em virtude da cultura, das ideologias e da história pessoal (ABREU, 2005). Num procedimento persuasivo, é letal renegar um valor concernente ao auditório. João sabia que a tônica da sua arte era a transparência e a simplicidade.

Como afirmei anteriormente, discute-se aqui uma questão (por isso grafiei em negrito, mais no início do texto). Qual questão? A de valor. Por quê? Porque as questões de valor estão amalgamadas na estruturação do ato retórico (neste caso, no texto que escrevo) e que pode conduzir ao dissenso (falta de entendimento) entre o auditório, mesmo entre aqueles que partilham dos valores inseridos discursivamente por mim neste

ensaio. Assumo o risco. Afinal de contas, boa parte das canções que o João gravou suscitam questões de valor (especialmente em defesa da cultura caipira), embebida de *pathos* (sentimentos).

Para melhor clareza a esse respeito, cumpre elucidar o que é questão. Conforme Tringali, questão é:

Tudo que se discute é uma questão. Toda questão se origina sempre de uma dúvida e provoca opiniões divergentes. É uma aporia por resolver. A questão contém em si uma controvérsia, como diz Cícero. Ela se exprime por uma pergunta, uma interrogação. Quer se saber por que a questão sempre admite mais de uma resposta. (...) a palavra questão vem do latim: *quaestio* que se liga ao verbo: *quaerere* = buscar, investigar, perguntar. A questão é o que se procura resolver. (TRINGALI, 2014:125).

De acordo com Ferreira (2020, prelo) questão é quando a pergunta é de difícil resolução. Pois bem, é o caso que se apresenta aqui, neste ensaio. Afinal, por que não valorizar o artista em vida? Defendo a posição de que o artista deve ser solicitado e homenageado em vida. Após a morte, não parece justo e tampouco honesto que se explore e incite paixões (no sentido aristotélico) nos fãs, com a exibição de vídeos raros do João abatido pelo câncer ou de reuniões familiares das quais participou ao longo da vida.

Sou inclinado a acreditar que esse tipo de conduta é um ultraje à família, bem como uma ofensa a quem homenageia e reconhece a sua arte desde sempre. Cito aqui o Daniel Viola, pelo excelente trabalho que faz na internet (You Tube e Instagram), há alguns anos, no sentido de divulgar e valorizar a arte do João Mulato e de tantos outros violeiros desta terra brasílica. Parabéns companheiro!

João Mulato foi um violeiro autêntico. Por quê? Porque apresentava coerência ética, pois evidenciava o estrito equilíbrio entre aquilo que cantava nas suas canções e aquilo que praticava na vida cotidiana. Esse proceder é o que consolida uma pessoa autêntica. Desse modo, quem não pratica o que ensina perde a autenticidade (CORTELLA, 2019). Ainda de acordo com Cortella, quem não pratica o que ensina:

Perde validade no modo de ação, de reflexão, de pensamento. Praticar o que se ensina é não dizer uma coisa e fazer outra. Autenticidade é um valor ético partilhado, ensinado e, acima de

tudo, praticado. Faz parte de nosso aprendizado coletivo. (CORTELLA, 2019:26-27).

Gente grande de verdade tem ciência de que é pequena e, dessa forma, cresce. João Mulato cresceu e crescerá sempre nos corações dos caipiras (no meu também, claro! afinal, sou caipira de alma), pois foi um violeiro transparente em seu proceder, em sua arte. A transparência é um valor que fornece material semiótico do comportamento de quem age e propicia ao outro, ou seja, àquele que observa uma ideia, a mais próxima possível, real e vital, do que ele é. João Mulato era transparente.

A transparência é quase um ato heroico e que, muitas vezes, causa estranheza. No entanto, aderir à transparência é suplantando os benefícios de circunstância e as conveniências imediatas a fim de demonstrar ao outro, com boa vontade, que o que ele espera de você ele terá. É uma espécie de pacto, no qual o João foi fiel a ele mesmo, aos seus valores, às suas convicções.

Este ensaio é, também, um apelo ao bom senso. Tem muita gente se valendo da imagem desse grande violeiro para se promover e simular falso pesar. Bom senso, senhores! Homenagens têm mais valia quando feitas em vida. Esse comportamento endêmico tem de acabar!

A guisa de conclusão, em 2018, sugeri, por escrito, ao então programa de TV Viola, Minha Viola, da TV Cultura de São Paulo, canal 2, uma homenagem, ainda em vida, ao João Mulato e ressaltar a importância de brindar o seu talento e contribuição para a música caipira. Obtive resposta, mas não acataram a sugestão. Pois é, fazer o quê, não é? Encerro este pequeno tributo com as palavras do Lourenço Diaféria: “(...) este é o nosso grande remorso: o de fazer as coisas urgentes e inadiáveis – tarde demais”.

REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção.** - 8. ed. Cotia: Ateliê, 2005.

BOMFIM, Vinicius. **João Mulato, ícone da música sertaneja, morre em Bauru.**

Disponível em: <https://www.jcnet.com.br/noticias/cultura/2020/04/721337-joao-mulato-morre-aos-70-anos-em-bauru.html>.

CORTELLA, Mário Sérgio. **Filosofia: e nós com isso?** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

DIAFÉRIA, Lourenço. **Herói. Morto. Nós.** Folha de S. Paulo, p.44, 1º de setembro de 1977. Disponível em:

<http://www.obore.com.br/utilitarios/editor2.0/UserFiles/File/HERI.pdf>. Acesso em 12 de agosto de 2020.

FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica.** – São Paulo: Contexto, 2010.

_____; MAGALHÃES, Ana Lúcia. **Natureza da questão retórica e a felicidade.** No prelo. – São Paulo, 2020.

TRINGALI, Dante. **A retórica antiga e as outras retóricas: a retórica como crítica literária.** – São Paulo: Musa Editora, 2014. – (Musa ler os clássicos).